

EM 1977, PORTUGAL VENDEU 109 TONELADAS DE OURO E, EM 1978, 62 TONELADAS, DA «PESADA HERANÇA».

A VOZ DO ALGARVE

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



PORTO
PAGO

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 723

ANO XXVII

19/4/1979

Composição e Impressão

«GRÁFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

SERÁ EM FARO A SEDE DA UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Recentemente foi publicada no «Diário da República» a lei aprovada pela Assembleia da República, que cria a Universidade do Algarve.

O diploma legislativo, que sancionado por unanimidade em Janeiro pelo parlamento nacional e promulgado em 5 de Fevereiro pelo Presidente Eanes, prescreve que a comissão instaladora, ouvida a assembleia distrital de Faro, apresentará ao MEIC, no prazo de um ano, uma proposta de estruturação, de instalação e de planos de curso.

A sede da Universidade ficará situada em Faro mas poderá abrir estabelecimentos noutras localidades do Algarve.

A lei preceitua que a composição da comissão instaladora deve ter em conta a necessidade de integração e coordenação

da Universidade no plano geral do ensino superior bem como as necessidades sócio-económicas e culturais da região, pelo que a maioria dos seus membros deverá conhecer essa problemática.

Como é natural, a publicação acima aludida provocou a maior congratulação nos meios sócio-políticos algarvios.



Começaram já
com o fervor habitual
as festas da Mãe Soberana

(VER PÁGINA 3)

Quarteira vai ser vila?

Em sessão recente da Assembleia da República dois deputados (PSD) pelo círculo do Algarve, apresentaram para apreciação um projecto-lei propon-

do a elevação a vila da povoação de Quarteira.

O teor do aludido projecto é o seguinte:

1. Constitui Quarteira, um centro de indiscutível desenvolvimento e enormes potencialidades nos domínios do Turismo, Pesca e Agricultura, a que urge dar a devida e justa dignificação o que certamente irá contribuir, estamos certos, para a resolução dos seus principais problemas, bem como permitir ter em conta um adequado planeamento do seu futuro;

2. Assim, considerando que o número de habitantes residentes é de cerca de 10 000, atingindo no entanto a população flutuante anualmente mais de 40 000 pessoas;

3. Considerando que no domínio do TURISMO, Quarteira, é conhecida em Portugal e no estrangeiro pelas condições naturais

(Continua na pág. 5)

As receitas das licenças de cães não poderão salvar a Comissão de Turismo do Algarve?

Nas revelações concedidas à ANOP, o presidente da Comissão Regional do Algarve (CRTA), Cabrita Neto, destacou que o organismo está a viver de reservas dos exercícios económicos anteriores, as quais se esgotarão a curto prazo.

A situação deve-se ao facto, disse Cabrita Neto, de não dar entrada na CRTA, desde Janei-

ro, qualquer verba proveniente do Imposto de Turismo, que está a ser arrecadado pelas Câmaras.

Portanto, em face à carência de fundos, os programas de animação terão de sofrer algumas contenções, podendo mesmo verificar-se o cancelamento de alguns deles, apesar de já

(Continua na pág. 2)

TAP - Uma grande empresa em permanente renovação

O pacífico cidadão que distraidamente olha para um avião que o sobrevoa ou mesmo que nele entra para se fazer uma viagem, não tem, normalmente,

a mínima noção da complexidade de problemas que é preciso resolver para que, em cada dia, em cada hora, em cada minuto, sejam assegurados a es-

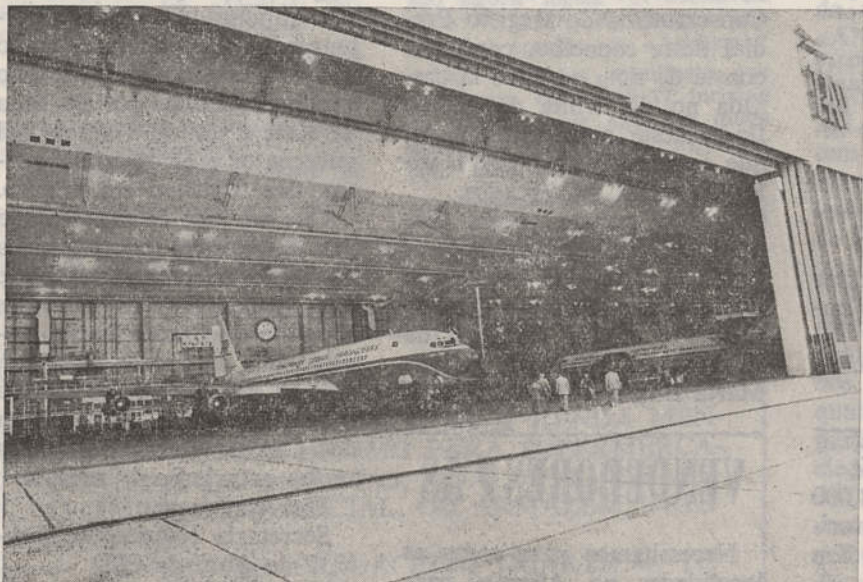
sa máquina voadora os cuidados exigidos por um critério de segurança e comodidade indispensáveis para que o transporte aéreo possa continuar inspirando a confiança de que já hoje é merecedor.

E, apesar dos espantosos progressos tecnológicos de que o avião tem beneficiado, a pesquisa continua, os melhoramentos são constantes, a busca de mais e mais cocientes de segurança não pára.

Fomos disto testemunhas quando há dias nos deslocámos a Lisboa a convite dos Transportes Aéreos Portugueses, para «conhecermos a TAP por dentro», muito embora nos tivesse sido dito que, para tal, seriam necessários 3 dias.

A verdade, porém, é que com 1 dia apenas ficámos com uma ideia muito aproximada de to-

(Continua na pág. 2)



VISTA PARCIAL DE UM HANGAR DA TAP

NOMEADA PELO BISPO DA DIOCESE DO ALGARVE



nova Comissão Executiva
do Santuário de N.ª S.ª da Piedade

Por S. Ex.ª Rev.ª o Bispo da Diocese do Algarve, D. Ernesto Gonçalves Costa, foi aprovada e nomeada, em 2 do corrente, nova Comissão Executiva do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, em Loulé, em face da anterior se ter dissolvido e se tornar imperativo dar conclusão às obras do santuário em construção.

A Comissão aludida tem a seguinte constituição:

Padre José António Nobre Duarte, Padre João Coelho Cabrita, João Valladares de Aragão e Moura, Adelino de Sousa Ferreira, José Viegas Bota, José Farrajota Martins e Filipe Chumbinho Miguel.

Entrou já portanto em funções a nova Comissão Executiva que, mediante as preliminares diligências, dará ocasião ao reatamento das obras do templo

(continua na pág. 3)

UNIVERSIDADE DO ALGARVE (multiplicam-se as reivindicações)

por Luís Pereira

Várias localidades do Algarve pretendem secções da Universidade, ainda longe da objectivação adequada. Depois de Olhão e Silves, surge a Câmara de Portimão com um carácter de «rigoroso» bairrismo em busca de um importante centro escolar

que sirva de locomotiva às aspirações dos estudantes algarvios.

Porém, será utópico pensar-se numa Universidade sujeita às paixões bairristas ou às aspirações irrealistas de quantos continuam a olhar a Cultura e

(Continua na pág. 6)

CAMPANHA DE ARTESANATO PROMOVIDA PELA COMISSÃO PRÓ-MUSEU

Dentro da brevidade possível os componentes da Comissão Pró-Museu, devidamente credenciados para isso, entrarão em contacto com os produtores e fabricantes de artesanato local e concelhio, no sentido de fazerem a recolha de peças típicas da sua manufatura, a fim de proverem o Museu, em formação, do correlativo património.

Tal como temos vindo a noticiar, a campanha supracitada destina-se a dotar o Museu, que será pertença comum, de uma secção etnográfica na qual o artesanato tomará lugar saliente.

Por outro lado, a exposição permanente de um mostruário bem documentado de peças de artesanato, que se farão acom-

(Continua na pág. 2)

O SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA
esquiva-se ao diálogo

(VER PÁGINA 3)

Uma grande empresa em renovação

(Continuação da pág. 1)
do o sistema de segurança e informática que são implícitas para manter operacionais os 22 aviões da companhia.

Para se fazer uma ideia de grandeza das instalações da TAP bastará dizer que, quando, há 8 anos, se construiu a oficina de revisão de aviões, ela ficou sendo a maior área coberta da Europa, sem contar com os 28 grandes edifícios de 6, 7 e 8 pisos que, junto do Aeroporto de Lisboa, albergam quase tudo o que a TAP tem ao seu serviço.

Aí trabalham 6000 dos seus 9 000 funcionários que executam praticamente tudo o que a TAP precisa para o seu normal funcionamento — desde a equipa médica que protege a saúde do pessoal até ao engenheiro agrônomo que vigia a acção dos fumos sobre as plantas e coordena as exposições onde a planta seja factor de embelezamento.

A meticulosidade dos trabalhos a executar e a responsabilidade que implicam, fazem com que a TAP seja rigorosa na selecção de pessoal que admite, o qual é submetido a rigorosos testes físicos e mentais por equipas médicas especializadas, sem contudo descurar um controle permanente sobre a saúde das pessoas que estão ao seu serviço e para as quais é totalmente gratuita toda a assistência médica. Esta funciona 24 horas por dia e dispõe de modernas aparelhagens para todos as doenças conhecidas.

Além, só assim seria possível manter operacional e eficiente uma prodigiosa «máquina» em pleno funcionamento durante 24 horas, assistida em média/diária por 2000 trabalhadores só nas instalações do Aeroporto e onde a movimentação de veículos (1 500) dá uma média de 2 acidentes por dia.

CAMPANHA DE ARTESANATO

(Continuação da pág. 1)
panhar da designação dos respectivos produtores e procedências, revidará em proveito da sua promoção, posto que o Museu se transformará, por excelência, num dos pontos de atracção turística desta vila.

Haverá, portanto, interesses recíprocos a conjugar nesta campanha, que visa agenciar os préstimos de todos aqueles que possam contribuir, de algum modo, para o seu sucesso, traduzível numa gama expressiva e característica de artesanato concelhio.

J. C. Viegas

Estes números podem dar-nos uma pálida ideia da grandeza da TAP mas é necessário entrar nas suas enormes oficinas para se avaliar o alto grau de especialização que é preciso atingir-se para se proceder ao desmantelamento de um avião e proceder à rigorosíssima inspecção a que periodicamente são submetidos, para que as falhas mecânicas tenham uma probabilidade ínfima de surgirem em pleno voo.

São milhões as peças, parafusos e parafusos que se encontram dispersos pelos vários sectores, cada qual com lugar próprio para ser inspecionado, reparado, substituído ou apenas montado no lugar próprio e no momento exacto para que no sector seguinte possam ser feitas novas operações.

É altamente impressionante a meticulosidade com que as várias máquinas e homens inspecionam uma por uma as peças sujeitas ou não a avarias, equilibrando-as ou reforçando a sua resistência às altíssimas temperaturas a que são submetidas, através dos mais modernos métodos de endurecimento (com pós especiais) de materiais para que não possam quebrar-se nem fundir-se em funcionamento. Por sistemas género Raios X, são previsíveis fracturas de material, sendo de salientar a curiosidade de haver ali 10 000 peças em permanente circulação e manipuladas por trabalhadores seleccionados das escolas técnicas do país e depois especializados por pessoal altamente qualificado na enorme diversidade sectorial da companhia.

A TAP só não tem ainda escola de pilotos, porque estes são seleccionados entre os melhores da Força Aérea, das oficinas de Alverca e dos aeroclubes.

Para prevenção de qualquer incêndio, as instalações da TAP estão apetrechadas com sistema electrónico de combate ao fogo, com especial incidência nos pontos mais sujeitos a esse perigo.

x x x

Se é verdade que ficámos impressionados com a organização, diversidade e métodos de trabalho das oficinas de mecânica, ainda mais surpreendidos nas sentinas com a perfeição de autênticas maravilhas da técnica moderna, aparelhos (chamados agora de altamente sofisticados), cujo funcionamento assegura não apenas preciosas informações mas controla também o funcionamento de todos os elementos essenciais ao bom andamento do avião. De entre esses aparelhos, merece especial destaque o «piloto automático», (também conhecido por «sempre em pé» por ser inalterável a sua posição e no qual podem ser

marcadas, simultaneamente, 8 rotas que o avião seguirá inflexivelmente sem qualquer intervenção humana e podendo até aterrar sozinho, através de instruções que lhe sejam transmitidas do aeroporto.

Além disso, esse pequeno aparelho, que custa 5000 contos e tem o volume aproximado de uma pequena máquina de escrever, pode fornecer a todo o momento informações essenciais como seja a altitude, a velocidade do vento, temperatura, localização geográfica, distância do aeroporto de partida, e quilómetros a percorrer, etc., etc. e, rigorosamente, as horas e minutos que faltam para chegar ao destino que lhe foi marcado.

E, sem dúvida, uma das maravilhas da técnica moderna, pois assegurará a aterragem do avião mesmo no caso do piloto desmaiar ou ser agredido por algum assaltante de bordo. É um autêntico prodígio da capacidade criativa do homem ao serviço da sua segurança e conforto.

Como se deve calcular, este e outros aparelhos essenciais à segurança dos aviões e ao controle automático de qualquer avaria que possa surgir merecem as mais cuidadas atenções de técnicos altamente especializados, alguns dos quais trabalham em salas hermeticamente isoladas de poeiras.

Para se evitar que qualquer ínfima partícula de pó possa introduzir-se em tão delicados mecanismos, estes são observados em salas com temperatura e grau de humidade controlados e isentos de poeiras.

Este serviço de assistência aos aparelhos é de tal forma especializado que está dividido em 16 oficinas distintas e nelas trabalham 170 homens.

É curioso salientar que, apesar da meticulosidade destes serviços, onde o facto paciência é extremamente importante, não trabalha nenhuma mulher, embora nada entrave o seu acesso. A justificação que nos foi dada é que o acesso a estes sectores só é facultado a profissionais e a mulher, mesmo a nível mundial, ainda não descobriu a sua inclinação para a mecânica...

A perfeição de trabalho e o zelo destes trabalhadores proporciona aos aviões da TAP um funcionamento de elevado nível e tem justificado uma preferência cada vez mais notória de companhias estrangeiras que confiam no alto grau dos serviços prestados pela nossa companhia de aviação, cujo prestígio de novo ganha crédito, após uma crise que foi reflexo do que se passou neste país.

Esta verdade é testemunho o facto de a receita de serviços prestados a aviões estrangeiros em 1978 ter sido de 214 000 contos, o que ultrapassou largamente os 72 000 contos que estavam previstos.

Também, sob este aspecto, a TAP representa um importante contributo para entrada das preciosas divisas que tanto necessitamos.

(Continua)

VENDE-SE

Auto-rádio stereo com leitor de cassetes pequenas como novo, 4 500\$00.

Tratar com Luís de Sousa — Arieiro — Tel. 62766.

VENDE-SE

Uma propriedade com 88.000 m² a \$50 m², e uma motorizada «Sachs» com 32.000 Km por 10.000\$00.

Trata João Correia Gonçalves — Alfentes — Boliqueime.

(1-1)

As receitas das licenças de cães não poderão salvar a Comissão de Turismo do Algarve?

(Continuação da pág. 1)

terem sido divulgados internacionalmente».

Lavra, entretanto, nos círculos afectos ao turismo sérias apreensões, tendo-se avistado algumas entidades com Cabrita Neto, para averiguar da dimensão da dificuldade.

Por seu turno, os presidentes dos municípios algarvios reuniram-se, a seu pedido, com o presidente da C.R.T.A., para se inteirarem da posição económica e dos planos de actividade do organismo, só vindo a pronunciarem-se depois de estudo detalhado do assunto.

Sentimos o direito de pensar que Cabrita Neto é um homem demasiado dinâmico para estar à frente da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

As Câmaras do Algarve devem nomear «um homem de gabinete» que entre na C.R.T.A. às 11 horas, para assinar o ponto, e receber o ordenado que as Câmaras deliberem merecer futuramente.

A menos que já não seja necessário e acabe-se de vez com o turismo no Algarve — para dar razão aos que ainda pensam que ele prostitue o nosso Povo.

Assim vai este pobre País...

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório, e no Livro n.º C-58 de Notas para Escrituras Diversas, de folhas 26 a folhas 28, v., se encontra uma escritura de justificação, outorgada no dia cinco de Abril corrente, na qual, Mateus da Encarnação Abrantes e mulher, Maria Odília Rocha Gomes, residentes na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declaram donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem do seguinte prédio:

Urbano, composto de uma morada de casas, com um só compartimento com três divisões, e quintal, com a área coberta de quarenta e dois metros quadrados e oito decímetros quadrados e a descoberta de sessenta e seis metros quadrados e seis decímetros quadrados, sito na Rua dos Mártires da Pátria, do nascente com José Gomes Arriaga, do poente com Maria Bárbara e do sul com Rua do Depósito, ainda omisso na respectiva matriz predial mas do qual foi feita a legal participação para a sua inscrição no dia dois de Janeiro último, e não descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho, conforme consta de uma certidão lá passada no dia trinta de Março findo neste acto apresentada, que ao mesmo atribuem o valor de trinta mil escudos.

Que o mesmo prédio lhes pertence, por o haverem comprado a Joaquim do Carmo Bacio, viúvo, Rodrigo Bita do Carmo e mulher Catarina da Encarnação Abrantes; Juliana Maria Bita do Carmo e marido, Maria Albina Bita do Carmo e marido, pelos meios extrajudiciais normais.

VENDEDORES / AS

Necessitamos para todas as localidades no Algarve para produtos com boa venda. Damus muita assistência.

Resposta ao jornal ao n.º 46.

do, Custódio Filipe da Ponte, todos residentes na povoação dita de Quarteira, Maria Albina Bita do Carmo e marido Francisco Nunes do Carmo, residentes em Lisboa, todos casados segundo o regime da comunhão geral de bens, por escritura de hoje, lavrada a folhas 23, v. deste Livro de Notas.

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo, mas a verdade é que os transmitentes eram na data da referida escritura de venda, donos e legítimos possuidores, também com exclusão de outrem, do prédio supra descrito e então vendido, porquanto,

Em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e cinquenta e seis, terem os referidos comproprietários comprado aquele prédio por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública, pelo preço de cinco mil escudos, a Albino Gomes, também conhecido por Ambino Gomes Arriaga, solteiro, maior, morador que foi em Porto Limon, apartado 208, República da Costa Rica.

Que por sua vez, o referido prédio pertencente ao então vendedor, Albino Gomes, pelo facto de: — no inventário que foi instaurado e correu os seus termos no Tribunal Judicial da Comarca de Loulé, por óbito de José Gomes Arriaga, viúvo, e que foi residente no sítio dos Cavacos, na aludida freguesia de Quarteira, haver sido adjudicado e ficado a pertencer-lhe na totalidade, tendo as partilhas desse inventário sido homologadas por sentença de vinte e seis de Maio de mil novecentos e cinquenta e quatro, que transitou em julgado.

Que em face do exposto não lhes é possível comprovar a aquisição do prédio por parte dos vendedores, os referidos Joaquim do Carmo Bacio, Rodrigo Bita do Carmo e mulher, Juliana Maria Bita do Carmo e marido, Maria Albina Bita do Carmo e marido, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 7 de Abril de 1979.

O 3.º ajudante,
Maria de Fátima Guerreiro
Rodrigues

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

REFORMA AGRÁRIA É TEMA CONTROVERSO

Respondendo ao Dr. Dias Costa

(Continuação)

Com aquela santa ingenuidade das almas candidas e imaculadas pergunta V. Ex.: «Mas qual assalto?».

É evidente que não houve assalto nenhum, sr. Dr. O que houve, realmente, foram apenas umas amáveis reverências em que os antigos donos das casas agrícolas dos solares, das quintas e das propriedades, gentis e muito gostosamente cediam os seus lugares aos herdeiros ancestrais (de tempo do Tiberio, sr. Dr.) das casas, das quintas, das herdades, etc., etc., etc.. Não foi isso sr. Dr.?

Tudo legal, (não é verdade, sr. Dr.?) «segundo a Constituição da República Portuguesa que nos rege»; a qual tornou obsoletas todas as leis fascistas.

Como homem e como advogado, V. Ex. não acha ridículo escrever (transcrever?): «quando os nossos camponeses avançaram para a posse das terras fizeram-no segundo os fins da revolução claramente afirmado pela vontade do Povo». (Já lemos isto em qualquer manual).

Mas qual posse, qual carapuça, sr. Dr.? Então os camponeses ficaram com as terras ou ficaram sendo assalariados do P.C.P.? Vontade do Povo ou imposição dos dirigentes do P.C.P.?

Mas que grande confusão que vai (ainda) no cérebro do Dr. Dias Costa. Primeiro diz que «os camponeses avançaram para a posse da terra» e logo a seguir diz que «não quiseram tornar-se donos da terra», como se a posse efectiva da terra não fosse, de facto, o seu maior sonho.

Pobres trabalhadores alentejanos que são manietados e manipulados para dizer e fazer (só) aquilo que os seus novos patrões mandam dizer e fazer.

Se fosse verdade que os latifundiários (nem sequer ficaram privados de uma reserva» porquê essa «guerra» que lhes é movida pelo P.C.P. sempre que, no cumprimento da Lei, são devolvidas propriedades que estavam ilegalmente ocupadas por trabalhadores ao serviço daquele partido?

Espanta-nos tamanha ingenuidade quando V. Ex. afirma «que tudo se processa de forma pacífica, e que nunca (o sublinhado é nosso) lhe constou que tivesse havido destruição de culturas», etc., etc., etc.

Não citámos números nem factos concretos porque «o dinheiro custa muito a ganhar» e por isso não podemos gastá-lo em pagar páginas deste jornal a citar números e factos concretos para conhecimento de V. Ex.

Mas já que V. Ex. está assim tão mal informado, aconselho-lo a ler «Alentejo Saqueado» de Jorge Morais.

Ai lerá «Este é o Alentejo da «Reforma Agrária», tal como eu o vi — saqueado, não por trabalhadores mas por mandatários de poder estrangeiros».

Através da leitura desse li-

vro, poderá V. Ex. ficar bem informado de números e factos ocorridos no Alentejo saqueado e de que V. Ex. ainda já tão esquecido que até nunca lhe constou que tivesse havido destruição do que quer que fosse, a ponto de afirmar que até aumentou, significativamente, o número de veículos, etc., etc.

Achamos muito curioso e paradoxal a afirmação «de tudo se passou de forma pacífica» para logo abaixo afirmar que «uma revolução é um período anormal na vida dos povos e por isso sujeito a excessos ou desmandos».

Afinal em que ficamos, foi tudo pacífico ou houve realmente desmandos? E até mesmo agora está tudo tão pacífico que até já se prevê a intervenção do Exército para acabar com a rebeldia que vai por esses campos do nosso Alentejo.

Estas contradições levam-nos a pensar que, de facto, a carta de V. Ex. foi passada de uma cassetete.

Diz V. Ex. que se cometeram muitos erros destruindo árvores. Acreditamos que os lavradores o fizessem por conveniência da defesa dos seus interesses, embora prejudicando o País.

Espanta-nos como é que V. Ex. se atreve a vir para a imprensa criticar os antigos latifundiários, olvidando propositalmente que os novos latifundiários (ao serviço do P.C.P.) têm cometido os crimes e erros mais monstruosos com o firme propósito de arruinarem a economia da Nação.

E não se esqueça que os trabalhadores alentejanos estão agora ao serviço do País e não a defender interesses de latifundiários. Por isso não é admissível que cometam exactamente os mesmos erros. Mas a provar que a destruição continua está a seguinte local que a seguir transcrevemos, de um número recente do nosso prezado colega «Voz do Sul»:

«AS ÁRVORES DO ALENTEJO JÁ NÃO MORREM DE PÉ — As árvores no Alentejo já não morrem de pé. Têm sido assassinadas a machado, na loucura das devastações levadas a cabo por salteadores de herdades, democraticamente autorizados a pôr o pé no que é dos outros.

O problema veio às colunas dos jornais que ainda não venderam a alma ao diabo. Mas tudo se perde no pandemónio das discussões. E nada se ajeita superiormente para se acabar, a sério, com a demagogia agrária. Em vez de florestas, terrenos, a curto prazo, apenas terras desertas, por mais que protestem, no seu túmulo de Odíveiras, os ossos de El-Rei D. Dinis, o Lavrador».

Será que estas destruições são agora legais e aceitáveis (por V. Ex.) só porque são feitas à sombra de «Agrária»?

No polémico manifesto que assinaram, dizem os 17 juristas do Algarve que «não os move qualquer particular ideologia nem luta de classes mas sim

e só o seu patriotismo e amor ao povo português» e nos perguntamos se naveria sinceridade nestas afirmações pela simples razão de que qualquer pessoa honesta nos daria razão se acrescentássemos que, qualquer reforma Agrária, promovida pelos P.C.S tem sido sempre o primeiro passo para lançar qualquer país na fome mais funesta, na miséria mais degradante, tendo a penúria como seu símbolo inseparável.

Se V. Ex. deseja realmente o bem do Povo português como pode querer que voltemos aos tempos (não muito distantes) em que os trabalhadores almoçavam e jantavam quase exclusivamente pão com azeitonas; sardinhas estivadas; bolotas; batata doce, alfarrobas torradas; côdeas de pão duro; batata; torresmos com pão e banha; figuinho torrado e toucinho cru ou frito?

Quererá o sr. Dr. que o povo português volte a passar fome comendo produtos que já hoje (nem sequer há à venda por falta de compradores)?

O sr. Dr. não sabe que, hoje, felizmente o nosso nível subiu muito e o que mais que se vende são exactamente os melhores produtos?

O sr. Dr. não acha bem que assim seja? Preferirá que voltemos à miséria de antigamente?

E o sr. Dr. não sabe que, depois de 60 anos de social-fascismo, o povo soviético disfrutava ainda de um nível de vida ligeiramente abaixo dos portugueses, apesar de, sob este aspecto, também sermos os mais atrasados da Europa?

Repare para o caso de Angola e Moçambique, sr. Dr. Não

ANIGARBE — Sociedade de Empreendimentos de Animação do Algarve, Limitada

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 20 do corrente mês, lavrada de folhas 32 verso a folhas 34 verso, do Livro n.º A-136 de «escrituras diversas», do 2.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do Notário Lic. António Lopes Fernandes Costa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, que ficou a reger-se pelo pacto social constante da presente fotocópia, que se compõe de duas folhas e vai conforme ao original.

PRIMEIRO: — A sociedade adopta a denominação de «ANIGARBE — SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS DE ANIMAÇÃO DO ALGARVE, LIMITADA», tem sede e estabelecimento na Estrada da Estalagem, em Vilamoura, da referida freguesia de Quarteira e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO: — O seu objecto consiste na exploração comercial de recintos destinados à animação turística ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade delibere explorar.

TERCEIRO: — O capital social é de cem mil escudos, acha-se integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes: João Narciso Mendes de Moura, cin-

Começaram já com o fervor habitual as Festas da Mãe Soberana

Com a vinda em procissão da imagem de Nossa Senhora, ao Santuário para a Igreja de São Sebastião, onde foi celebrada missa dominical, tiveram já início no transacto dia 15 as corridas e sempre fervorosas festas da Mãe Soberana.

Faça a veneração de longínqua procedência enraizada nesta vila de Loulé extensiva a todo o Algarve, pela Nossa Senhora da Piedade, e às celebrações que integrarão o ciclo de Festas, poder-se-á concluir que estas, uma vez mais, averbarão, a unção, o brilhantismo e a afluência, que são seus apanágios usuais.

O programa delineado das cerimónias litúrgicas é o seguinte:

— Até 25 de Abril (tiveram já começo a 16), celebrações da Eucaristia, em honra de Nossa Senhora, às 8,30, 19,15 e 21,30 horas; às 21 horas, recitação do terço do Rosário (Novena).

— Dias 26, 27 e 28 de Abril, às 8,30 h., celebração da Eucaristia; às 21 h., recitação do Terço do Rosário e às 21,30 h., Eucaristia solenizada com pregação do nosso muito prezado confratão, louletano de nascença, Padre António José Cavaco Carrilho.

— Domingo, 29 de Abril, às 8,30 e 10 horas, celebração da Eucaristia; às 11 horas, Procissão que conduzirá a Imagem de Nossa Senhora para o Largo do Monumento a Duarte Pacheco onde ficará à veneração dos fiéis.

As 16 horas, celebração da Eucaristia no referido Largo, com pregação. Presidirá a esta solene Eucaristia o Senhor D. Ernesto Gonçalves Costa, Bispo do Algarve.

As 17 horas, Solene Procissão pelas principais ruas da vila

que terminará no Largo de S. Francisco. Depois de uma breve paragem, a imagem de Nossa Senhora seguirá em marcha triunfal para o Santuário, onde a chegada será feita uma vibrante saudação à Santíssima Virgem.

Na parte cívica as Festas da Mãe Soberana, têm como complemento os acontecimentos seguintes:

— Dia 28 de Abril, às 22 horas, no Largo do Monumento, concertos dados pelas Bandas de Torres Vedras e Artistas de Minerva.

— Dia 29 de Abril, às 22 horas, no mesmo local, concerto da Banda de Torres Vedras, seguido à meia-noite, por fogos de artifício.

— No dia 30 de Abril, às 21,30 horas, no Cine-Teatro Louletano, concerto executado pela Banda de Música da Força Aérea.

FALECIMENTOS

No Hospital de Loulé, faleceu no passado dia 3 de Abril a sr.ª D. Antónia Martins, natural de Salir, que contava 68 anos de idade e deixou viúvo o sr. Inácio Afonso.

A saudosa extinta era mãe do sr. Manuel Guerreiro Afonso e da sr.ª D. Maria Guerreiro Afonso Cardoso.

A família enlutada endereçamos as nossas sentidas condolências.

Com a idade de 80 anos, faleceu no passado dia 3 do corrente mês, no Hospital Civil de Évora a nossa comprouviana, sr.ª D. Dorila da Conceição Mariano de Sousa, natural de S. Brás de Alportel, esposa do nosso confratão e prezado amigo e assinante Capitão de Artilharia, sr. Manuel de Sousa, natural da freguesia de S. Clemente e residente em Vendas Novas, desde 1928.

A família enlutada endereçamos as nossas sentidas condolências.

Nova Comissão Executiva do Santuário de N.ª S.ª da Piedade

(Continuação da pág. 1) plo, por largo tempo interrompidas, até culminação do conjunto projectado.

É eis uma boa notícia, que por certo provocará viva satisfação nos meios louletanos em especial e, em geral, nos devotos algarvios.

Regozijamo-nos também, por nossa vez, com a criação da Comissão referida, pois ela empregar-se-á dentro das suas atribuições para que a Mãe Soberana, muito reverenciada e venerada em todo o Algarve, tenha em Loulé dentro de algum tempo, um santuário condigno e merecido.

Trespasa-se

Mini-mercado das Quatro-Estradas (Casa Maia), com várias secções, incluindo talho. Muito afreguesado. Motivo à vista. Preço de ocasião.

Tratar no próprio local ou telefone 62897 — LOULÉ.

(3-1)

VENDE-SE

Prédio na Av. José da Costa Mealha, c/ cave, r/c, 1.º andar. R/chão vago.

Nesta redacção se informa.

(2-1)

ARMAZÉM EM ALMANCIL TRESPASSA-SE

BOM ARMAZÉM, NOVO, COM 170 M2, NO CENTRO DE ALMANCIL, COM A RENDA MENSAL DE 12.500\$00, ÓPTIMO PARA SUPERMERCADO, CASA DE MOBÍLIAS, QUALQUER ESTABELECIMENTO COMERCIAL, OU ARMAZÉM, TRESPASSA-SE.

CONTACTAR DR. JACINTO DUARTE — TELEFONE 62747 — LOULÉ.

(4-2)

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA esquiva-se ao diálogo

Esquivar-se ao diálogo, não o aceitar, é uma prova irrefutável de que a personalidade visada, se escusa à aceitação da promoção cultural democrática pela via, que por excelência, se traduz no diálogo.

Convidou a R.D.R. no dia 17 deste mês o Dr. David Mourão Ferreira, de aparente e destacada personalidade, em relação ao cargo que ocupa e missão que desempenha, e o redactor do aludido jornal diário, Adelino Alves, ao estabelecimento do diálogo, tendo o primeiro recusado o convite e o segundo o aceiteado naturalmente.

O diálogo entre estas personalidades, tinha como objectivo, esclarecer democraticamente o público interessado pelas declarações, tipo acusações, notícias pelo diário o «Dia», que visam a reputação e dignidade do Secretário de Estado da Cultura, referido, colocando-o numa posição, que põe em causa a sua personalidade em relação à elevada missão que o desempenho do cargo obriga, que pela gravidade e responsabilidade inerentes, se impunha o esclarecimento, discussão e análise, não omissa ao público.

O Povo tem o direito, uma vez que lhe tem sido exigido forçadamente elevados esforços

e sacrifícios que aliás continuava, de ser esclarecido inequivocamente, sem ambiguidade ou nebulosidade, como tem sido destinadas e investidas as verbas facultadas à difusão da CULTURA e, quais os resultados, que pelas acusações da imprensa se saldaram negativa e ofensivamente, porquanto implicam com sentimentos e crenças profundas, levantando questões conflituosas de âmbito político, cultural, laboral, educacional, económico-financeiro, social, moral e religioso, de repercussões gravíssimas, perante uma Sociedade, que se situa presentemente numa posição muito difícil, muito desmembrada, que não permite ser mais assolada pela incompetência, irresponsabilidade, favoritismo, amadorismo ou sectarismo político e administrativo, de representantes com elevados cargos de responsabilidade nos órgãos do Estado.

É inadmissível e inconcebível, que o Dr. Mourão Ferreira, não se preste ao diálogo, quando a sua missão essencial, o devia definir e situar, como o principal «porta-voz do diálogo», uma vez que é, por função profissional e estatal o responsável máximo, da promoção cultural democrática.

Perante a inversa atitude e comportamento manifestado, divulgado pelo diário «O Dia», pusera o povo a concluir, que o dinheiro do erário público, que com tanto custo me e arranca, está a ser esbanjado imprudentemente e incompetentemente e ainda por cima a servir de veículo ofensivo dos seus consagrações princípios e sentimentos fortemente vinculados pela maioria, (do povo), a Pátria e Nação Soberana, definida por tradição e crença religiosa, como católica.

Mais um dos muitos e graves conflitos, ou fracassos, que se impõe clarificar pela discussão, reflexão e análise, que o diálogo permite, numa promoção que o define ou caracteriza, como o meio ideal ao esclarecimento e compreensão, que todas as discussões e questões suscitam.

É urgente e necessário promover a unidade da Comunidade Portuguesa, para que se não desfaça totalmente a crença e fé, que levou à inspiração, provocou a Revolução do 25 de Abril, que tão desviada tem sido das suas finalidades, com saldos negativos gravosos e trágicos, suportados por uns tantos, por sangue, suor e lágrimas, não se admitindo mais impedimentos nem fracassos provocados por quem professe ideologias antagónicas e demagógicas, quanto à edificação do verdadeiro Estado e Nação Democrática. Penso que é altura de dizer basta! É tempo de não permitir mais desvarios.

O Povo começa a estar interessado e quer saber...

Manuel Bota, Filipe Viegas

NOTÍCIAS DA CORTELHA

Ainda sem luz... e muito mais, a Serra do Caldeirão!

Com o 25 de Abril de 1974 uma luz de esperança incendiou os habitantes de algumas aldeias da serra no sentido do progresso daquilo que é uma boa parte desta província algarvia.

Entre as possíveis conquistas contava-se a obtenção da tão desejada e necessária iluminação eléctrica que se faz sentir nesta zona, apesar da existência duma linha, que segundo o que parece aqui assenta cabos de alta tensão, mas apenas alumia e ilumina «os senhores da cidade».

Como sempre, e apesar das várias viagens políticas que (depois de 48 anos de Fascismo uno e exclusivo) se têm vindo a suceder nestes últimos anos, a serra continua a ser esquecida e apenas iluminada à luz do petróleo (cada vez mais caro) ou do gás (raro e apenas acessível a alguns).

É tudo isto quando o Algarve se imagina e é tido como o grande paraíso dos multi-milionários que aqui vêm despejar a sua (tão saborosa!!!) poluição, e também deixar alguns «cobres», que depois se vão porque Portugal não produz e como tal precisa importar do estrangeiro as mercadorias indispensáveis para a subsistência dos seus habitantes (que mesmo assim continuam apertando o cinto).

Mas claro, isso é normal! Como também é normal uns viverem à grande e à francesa nos bons hotéis (de cinco es-

trelas ou mais) etc. e tal, e outros lutarem e não conseguirem sequer uma luz decente que lhes permita — ao menos — ver a cara de quem os explora...! Porquê?

Porque é que, há mais de um ano, os postes cá estão, esquecidos e atirados no chão, por aqui a descansar (do longo trabalho?), sem que ninguém se atreva a levantá-los, que mais não seja, numa manifestação de protesto contra o esquecimento a que a serra é votada? Ninguém o faz nem fará, porque todos desejam passar por «bons e bonitos» e se esquecem que nestas bandas os cravos vermelhos e as condições de vida continuam bastante murchos.

Contudo é já tempo de lavar as ramelas que ficaram da longa noite, e abrir bem os olhos para as necessidades que massacraram este Algarve que não é apenas o (tão bonito!) turismo.

As promessas já cansaram muita gente que sabe bastante bem quem fala ou não a verdade. Por isso é melhor provar que as palavras também se podem transformar em acções, e isso só acontecerá quando alguém se lembrar que a Serra ainda não tem iluminação eléctrica... e muito mais...

Jacinta Cardoso

Assine e divulgue

«A Voz de Loulé»

Reforma Agrária é tema controverso

(Continuação da pág. 3) tem pena daquela pobre gente que passou a sentir fome e carências de todas as espécies logo que ali se implantou o tal socialismo que vem do frio?

Sr. Dr. Dias Costa, nós entendemos que já vai sendo tempo de, aqui e agora, neste país, que se quer Democrático, chamarmos as coisas pelos seus nomes próprios e por isso devemos dizer-lhe que aquilo que mais nos preocupa não é propriamente que a terra no Alentejo seja dos trabalhadores (que não é) ou dos latifundiários (que já foi). Não é essa a razão porque estamos contra a chamada Reforma Agrária.

O que mais nos preocupa e revolta é o sabermos que as antigas províncias portuguesas de África são hoje submissas colónias da União Soviética e

que Moscovo quer escravizar igualmente Portugal, utilizando o Alentejo como ponta de lança para a conquista deste pequeno país, e através dele, a parte da Europa que não lhe deve ainda obediência.

Esta a realidade. Só não vê quem quiser ser cego. O resto é fogo de vista.

Quanto ao facto de haver tantos comunistas no Alentejo isso até se compreende se repararmos que aí os trabalhadores viviam em crise permanente de subemprego e eram mal tratados por muitos dos lavradores (não todos como se pretende dizer). Prometeram-lhes tudo (e deram muito) daquilo que era dos outros e agora estão colocados em embaraçosa situação por não poderem apoiar aqueles sobre os quais lançaram torrentes de ódio.

Quando do 25 de Abril, a U.R.S.S. ajudou a «nossa» Revolução e o «nosso» Povo mandando-nos armas, munições e revolucionários para participarem nas «grandiosas manifestações de massas», mas quando o flagelo das cheias se abateu sobre o Povo sofredor, a U.R.S.S. não mandou um único cobertor para ajudar o nosso Povo a se proteger contra o frio.

Os verdadeiros portugueses sabem que o Alentejo é uma província portuguesa e por isso não podem, não querem admitir, não aceitam vê-la transformada numa República da União Soviética e sabem também que para tal acontecer bastaria que ali se concretizasse a Reforma Agrária Cunhalista.

(Continua)

Quarteira já tem um Grupo de Teatro Amador

Abalado pelo grande impacto da propagação do cinema, da rádio e da Televisão, o Teatro sofreu, nos últimos anos, uma tremenda crise.

Em parte por estas circunstâncias e também como reflexo duma mordaz censura que limitava a livre expressão do pensamento humano e de ideias novas, o teatro amador quase se extinguiu em Portugal.

Porém, o 25 de Abril, abriu novas e aliciantes perspectivas ao teatro amador, pois no fim da censura aos espectáculos encheu de euforia aqueles que pretendiam lançar de novo Portugal num obscurantismo ainda mais feroz do que aquele que suportámos durante 50 anos.

Por isso o novo impulso que foi dado ao teatro amador teve como principal objectivo intoxicar o Povo Português com ideias marxistas, numa tentativa de tudo subverter a um ideal que os 60 anos da Revolução Russa já demonstrou claramente ser utópico.

Mas convém insistir em que esse ideal existe para, à sombra dele, se cometerem os mais hediondos crimes e se persistir na conquista de privilegiadas situações comerciais, políticas e geográficas.

Felizmente que essa linguagem já vai saturando e, até os jovens, já vão abrindo os olhos às realidades que os cercam, recusando uma nova e cruel ditadura obscurantista.

Prova mais que evidente da saturação dum teatro aliciente, temos agora em Quarteira, onde um grupo de jovens, sem pressões exteriores, sem dogmas pré-concebidos, sem doutrinas fanatizantes e apenas pensando e agindo por si próprios, estão revelando o seu valor intrínseco. Abertos a uma saudável convivência que os personaliza e valoriza como indivíduos pensantes, estes jovens estão dispostos a praticar uma feliz e sadia convivência social.

Com aquela força de vontade que caracteriza aqueles que são capazes de executar obras válidas, elementos do grupo «Ser Gente» (assim se intitula o novo agrupamento) escreveram as peças, os monólogos, a poesia, a música e fizeram teatro adquirindo experiência por si próprios e aprendendo à sua custa.

Tiveram a preocupação de ser simples como simples são todos os seus membros, com o principal objectivo de divertir os outros e, simultaneamente, aprender a difícil arte de representar.

Até que fosse possível fazer a 1.ª apresentação em público, quantas canseiras, quantas noites sem sono, quanto esforço dispendido, quanta tenacidade revelada, quantos sacrifícios feitos, por um grupo de jovens inexperientes e apenas animados duma vontade forte de demonstrar que é preciso, que é urgente, ocupar os tempos livres em actividades recreativas e culturais sem preocupações políticas, sem móbidos sectarismos.

Uma peça que é um drama real da vida, canções bonitas, poesia que sabe bem ouvir, música alegre, diálogo construtivo, etc., fazem parte do repertório do grupo «Ser Gente», o qual incluiu algumas crianças tão jovens que enternecem pela sua simplicidade e naturalidade com que se apresentam em público — já com aquela descontração de quem se sente com um certo avontade em cena.

Talvez se possa dizer que Filipe Morgado Viegas terá sido o principal organizador do grupo, mas a verdade é que todos eles trabalham com tal coesão e boa vontade que nem se percebe quem dirige toda aquela «máquina» que já surpreendeu o público de Quarteira e do sítio das Pereiras.

Entretanto têm surgido novos convites.

Por isso todos estão de parabéns e por isso as nossas felicitações são igualmente distribuídas por todos os que estão dando o melhor do seu esforço e boa vontade para que «Ser Gente» se afirme com um alerta dos jovens nos caminhos do bom senso, da cultura e fraternal convivência.


De salientar que estes jovens têm as suas ocupações profissionais e apenas se dedicam ao teatro na horas de lazer.

Dito isto, impõe-se que publique os nomes de todos os que colaboram no teatro de Quarteira, como um estímulo a que prossigam para fazerem mais e melhor. A seguir aos nomes se indica o que cada um faz nas representações que o grupo promove:

José Laginha (Poesia, Teatro), Susana Norte (Teatro, Poesia, Música), Alzira Viegas (Teatro), Fernando Passos (Poesia, Teatro), Teresa Menalha (Poesia, Teatro), Rosa Maria Dias (Teatro), Mário Rilhó (Locução), Julieta Caetano (Música, Poesia), José Pereira (Música), Ana Lúcia Isidoro (Música), Antónia Baguinho (Locução), Ana Maria Graça (Poesia), António Pinto (Teatro), Luís Romão (Teatro), José Luís (Luzes), Florentino Sousa (Teatro, Poesia), Paula Mendes (Teatro), Pedro Sousa (Teatro, Poesia), Carlos Pires (Pianos, Teatro), Orlando Marini (Música).

Grupo organizado por: Filipe Morgado Viegas, Maria de Jesus (Poesia, Teatro), Ivone Viegas (Teatro, Poesia), Filipe Morgado Viegas (Teatro), Luís Pedro (Poesia, Teatro), Sílvia Espadinha (Poesia, Teatro), Fátima Nunes (Poesia, Teatro), José Filipe (Teatro), Isaura Coelho (Música), Maria Samelro (Teatro), Antónia Pontes (Teatro, Música), Antónia Viegas (Teatro).

GRATIS



VIDA RURAL

REVISTA DIRIGIDA PELO ENG. SOUSA VELOSO

A TÉCNICA E A PRÁTICA NO CAMPO

Envie-nos a sua morada num postal e recaba na volta do correio sem qualquer compromisso da sua parte, um exemplar grátis.

RUA RODRIGUES FARIA, 103 - C. P. 1300 LISBOA

Quarteira vai ser vila?

(Continuação da pág. 1)

rais que oferece sendo já hoje um dos principais polos de atracção turística do Algarve. A capacidade de alojamento em hotéis (5), aldeamentos (8), pensões (3), residenciais (3), ronda as 6 000 camas, estimando-se ainda em vários milhares as existentes em apartamentos.

Saliente-se ainda a existência de importantes centros de recreio, animação e infra-estruturas várias, como: marina de recreio, campos de golfe (2), casino, pista de aviação, centro de hipismo, cinema, parque de campismo, restaurantes, bares, cafés, etc.

4. Considerando que no domínio da PESCA, Quarteira, apesar da falta de condições em terra, de que se destaca a necessidade de construção de um porto de pesca, tem continuado a «crescer» a bom ritmo nos últimos tempos atingindo o pescado capturado e descarregado em Quarteira, pelos 291 bairros, onde trabalham cerca de 1 000 pescadores, mais de 140 000 contos por ano;

5. Considerando que, AGRICOLAMENTE, a fruticultura

(em particular os pomares e citrinos) e a horticultura se vêm desenvolvendo apreciavelmente;

6. Considerando que é de grande significado a actividade COMERCIAL e de SERVIÇOS DIVERSOS com um número elevado de Supermercados e mercearias existindo ainda padarias, praça de peixe, mercado, centros comerciais, talhos, lugares de fruta, fotografias, drogarias, salões de cabeleireiro, barbearias, bombas de gasolina, oficinas, lojas diversas, etc.

7. Considerando que no aspecto de ENSINO há 2 Escolas Primárias e 1 Escola Secundária, enquanto no campo DESPORTIVO se salientam 1 Clube de futebol e 3 grupos desportivos;

8. Considerando que na SAÚDE, são de referir 1 posto médico, 2 farmácias, havendo 2 médicos residentes e um número variável de médicos estagiários;

9. Considerando que no aspecto de CULTO existem 3 igrejas;

11. Considerando que a ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE QUARTEIRA e a ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ foram já unânimes no reconhecimento da vontade e da justeza da elevação de Quarteira à categoria de vila;

Os deputados sociais-democratas abaixo assinados apresentam à Assembleia da República o seguinte projecto de lei:

Artigo Único — A sede de Freguesia de QUARTEIRA, do Concelho de Loulé, é elevada à categoria de VILA.

Palácio de S. Bento, em 2 de Abril de 1979.

Os Deputados Sociais Democratas,
José Gago Vitorino
Cristóvão Norte

SEGUROS

Estamos interessados em nomear agentes para trabalhar em seguros no Algarve, em cidades, em vilas e em aldeias. Damos boas condições e muita assistência.

Resposta ao jornal ao número 45.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria
Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório, e no Livro n.º C-58, de Notas para Escrituras Diversas, de folhas 21 a folhas 23, se encontra uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia cinco deste mês, na qual, Maria Custódia Assucena Paixão, solteira, maior, residente na Rua Mártires da Pátria, n.º 56, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declara dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do seguinte prédio:

Urbano, composto de uma morada de casas com dois quartos, casa de banho, corredor, sala comum e dois compartimentos no quintal, com a área coberta de oitenta e quatro metros quadrados, para a habitação, e trinta e cinco metros quadrados para as dependências, e quintal com a área de quarenta e cinco metros quadrados, sito na Rua Mártires da Pátria, na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, que confronta do norte com Manuel de Sousa, do nascente com herdeiros de Francisco de Sousa Viegas, do sul com Estrada e do poente com estrada, inscrito na ma-

triz predial em seu nome, sob o artigo número dois mil setecentos e onze, com o valor matricial de duzentos e cinquenta e cinco mil escudos, e o atribuído de trezentos mil escudos.

Que o mesmo está omissa na Conservatória do Registo Predial, deste concelho, conforme consta de uma certidão lá passada no dia trinta de Março, findo, e neste acto apresentada.

Que este prédio lhe pertence, pelo facto do mesmo haver sido construído, inteiramente à sua custa, no ano de mil novecentos e setenta e sete, sobre um talhão de terreno para construção urbana, com a área de cento e sessenta e quatro metros quadrados, no aludido sítio, que ela justificante possuía há mais de trinta anos, sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, sendo

por isso a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que na referida data, já o havia adquirido por usucapião, não tendo porém, em face do exposto, possibilidades de comprovar o seu direito de propriedade plena, sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 7 de Abril de 1979.

O 3.º ajudante,

Maria de Fátima Guerreiro
Rodrigues

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ (10-5)

JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMOS LUMINOSOS
CARTAZES PUBLICITARIOS



Telefone 53247
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA
(10-6)

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

— Ao teu dispôr me tens, por vida minha
Juro de bem cumprir o teu pedido
E de voltar aqui dando-te provas
De que foi com esmero bem cumprido.

— Pois bem vou revelar-te um meu segredo
Conheces bem a fonte dos encantos
Ali estão minhas filhas encantadas
Da fonte as águas puras, são seus prantos.
Só tu podes lá ir desencantá-las
E trazê-las aqui acompanhadas
Com isso me darás toda a alegria
Quando as vir juntas a mim resgatadas.

Cumpre, livre serás e muito rico!
— Cumpro, juro à fé de bom cristão
Podes afoitamente confiar-me
A vara da magia, do condão.

— Pois bem, toma estes pães, são três atende:
Cada qual tem um nome em si gravado
Cada nome pertence a cada uma
Cada qual de por si, será chamado.

Guarda-os bem, que ninguém possa tocar-lhes
Se os perdesse seria o meu tormento
De S. João na véspera, à meia noite
É a hora de quebrar-se o encantamento!

Vai, parte, juro aqui por vida minha
Que se cumprires bem o meu pedido
Além de te ficar sempre obrigado
Saberei bem cumprir o prometido.

— Hei-de cumprir. Prometo e também juro
Pela Cruz, pela Fé, e pelo meu Deus
Que desejo salvar as tuas filhas
E até à volta, eu parto, adeus, adeus.

*
* *

De Tanger para o Algarve sem demora
Livre o cristão tomou logo o caminho;
A seus olhos surgiu nova aurora
Ao ver da escravidão quebrado o espinho.
Da esposa que idolatra e muito adora
Vai de novo gozar todo o carinho
E louvando ao Senhor a felicidade
Promete dar às mouras a liberdade.

E dia e noite sempre caminhando
Em Loulé pôde entrar sem nenhum perigo.
E a esposa entre os seus braços apertando
Bem dizia o seu lar, seu leito amigo;
Depois, por toda a casa procurando
Onde esconder os pães que trás consigo
Tanto se preocupa na sua empresa
que excitou à mulher toda a estranheza.

E assim dias passaram de alegria
Dourando dos consortes a existência
Mas a mulher sentia, dia a dia
Da alta curiosidade a impaciência
Desejando saber o que seria
Que o marido com tanta diligência
Numa caixa fechou, e, em seu critério
Quis devassar alfin, esse mistério.

E assim o fez, um dia que o marido
Foi passear à fonte dos encantos
E ali se demorava condoído
Das mouras, escutando os ternos prantos
Ela pôde afinal ter conseguido
Abrir a caixa, remexer-lhe os cantos
E ao encontrar os pães num só pegando
Um golpe c'o uma faca lhe foi dando.

ESCOLAS SECUNDÁRIAS

CENTROS DE CULTURA ou veículo de ideias marxistas?

Os docentes da 5.ª Coluna, dita lamentavelmente progressiva, dominam e impõem sem entraves nem oposição, às suas fórmulas dogmáticas, assim como aos consequentes sectarismos obstinados, reflectindo-se o efeito em todo o ambiente escolar, social, com incidência agravada no clima familiar, em que se empenharam e continuam empenhados sofregamente, num processo tendente à consumação da total deterioração e desintegração da célula familiar, obstáculo, que consideram pernicioso e premente levar à destruição integral, para que seja mais fácil a implantação e divulgação dos seus ideais políticos.

Os docentes democráticos e os abstencionistas, talvez em menor número, optaram pela alienação de funções essenciais às suas funções ou missão profissional, desinteressando-se pela abdicação, a cargos de maiores responsabilidades na orientação e vida dos Estabelecimentos de Educação e Ensino, pelo que se encontra numa situação caótica, de falência total e num beco sem saída.

Perante tal atitude e comportamento generalizado dos alunos docentes, não dignificante e inglório, expressado pelas repercussões e seu constante desenvolvimento e agravamento, estão os docentes da 5.ª Coluna comunista, numa acção dinâmica de ideologia de política de ensino e educação, em contínuo progresso e expansão triunfante (?), que pelo impacto do sistema adoptado, atemoriza e acobarda alunos, pais, encarregados de educação, todos os docentes não identificados com os ideais em que se inspira, assim como todo o elenco social, afecto aos Estabelecimentos da Educação e Ensino, que não comungue ideologicamente das

regras, princípios rígidos, programação e execução religiosa e satanicamente seguida e prosseguida na pretensiosa, aberrante, alienação progressiva e subversiva da escala de valores e virtudes humanas, que ganhada e atabainoadamente, sem espírito crítico consciente da razão, se atolam num sentido, que os coloca a níveis degradantes e indignos da condição da Pessoa como ser Humano.

Perante tal situação real, incontestável até para os menos versados no assunto, como é possível operarem-se reformas de base à constituição, edificação e promoção duma política de Educação e Ensino, totalmente viciada, enferma pelo predomínio existente duma política alimentada por um volumoso naco de elementos convictos e encharcados por conceitos totalmente contraditórios, à política optada, reformulada e ratificada pelo Estado sobre a lei básica da Educação e Ensino Secundário?

Parece que é altura de pensar, discutir, reflectir e analisar sobre estes intrincados problemas, que são evidentes e desafiam toda a acção política e administrativa do actual Governo e dos que hão-de seguir, pondo em causa, a tão frágil, periclitante e peculiar Democracia, que foras e movimentos estranhos de interesses confusos, procuram por todos os meios impedir a sua evolução e implantação radical eficiente.

Como pode o Estado suspender e sustentar a acção incessante e cada vez mais arrogante e desmente desempenhada, orientada na vingança pela perseguição e destruição de valores, alimentada por ressentimentos suspeitos de frustração e ódio, a maior parte originados por uma péssima educação, que uma ideologia adequada incendeia e ali-

menta por conveniência e fins totalmente adversos e alheios aos que procuram inserir-se e promover-se numa sociedade, que se orientasse para outras e dignas formas de vivência e cultura, correspondentes aos anseios de todo o ser, que procura a sua elevação e contribuição através da dignidade dos valores e virtudes inerentes à sensibilidade e identificação da Pessoa da Verdade?

Não é fácil uma resposta concreta a estas interrogações e oxalá fosse.

x x x

Aqui, bem perto de nós, e perante a indiferença, lamentável, de alunos e estranho comodismo dos pais, professores comunistas das escolas secundárias, preocupam-se (ainda) muito mais em ministrar doses maciças de ideias alienantes do que em transmitir aos seus alunos conhecimentos que as ajudem a passar o ano e, mais facilmente, em encontrarem um lúcido caminho para o seu futuro.

Até quando continuará a bagunça nas nossas escolas?

Quem terá coragem para reagir contra a degradação do nosso ensino?

Alves da Silva

A DÚVIDA DE UM HOMEM

por Luís Pereira



Nesta sociedade um Homem já não sabe se é ou se não é.

Se nos apresentamos tal qual somos, acusam-nos daquilo que não somos.

Se nos confessamos o que não somos, já não somos, nem p'ra nós, aquilo que somos.

Nas minhas reflexões procuro levar as minhas investigações até à verdade que julgo contemplar. Mas se lhes ofereço a minha verdade e se a verdade dos outros é diferente da minha, então as nossas verdades colidem e é o fim da verdade. Não quero com isto dizer-lhes que vale a pena ser mentiroso. Talvez sejamos sinceros para connosco e para com os outros dizendo o que das coisas devemos julgar. Por isso, volto-me para mim próprio e persisto em acreditar naquilo que julgo ser o fundamento da minha verdade de que é no fundo a inteligência do meu espírito, ou seja, um Homem é feito de realidades e fantasias e o Mundo é uma dúvida muito grande.

Vem isto a propósito de uma personalidade grada cá da terra, que provavelmente não percebe os meus escritos, e que um dia, em tempo de angústia, me acusou de irresponsável, só porque lhe descobri os ressentimentos e me apercebi da sua incapacidade de compreensão e interpretação da Língua que o determina.

Eu não creio que haja grande dificuldade, por parte dos leitores, em compreender a categoria psicológica desse senhor. Unicamente me confesso culpado de não gostar das verdades socialistas por considerá-las uma grande mentira.

Nesta sociedade um Homem deve ser aquilo que a sua alma determina que seja. A maior de todas as verdades é a dúvida, dizia alguém, com muita razão, que, certamente, se viu já si próprio antes de olhar as dúvidas dos outros. Aconselho esse senhor que se veja culpado das suas irresponsabilidades, depois sim, poderá pensar de mim e dos meus escritos aquilo que bem entender.

A propósito de «O CARNAVAL CIVILIZADO EM LOULÉ»

— Um esclarecimento de Pedro de Freitas

A propósito do artigo da autoria do nosso prezado colaborador José Manuel Mendes, sob o título de «O Carnaval Civilizado em Loulé», o bom Amigo que é Pedro de Freitas, entendeu dirigir ao jovem jornalista uma carta, que este nos entregou para publicação, e cujo teor é o seguinte:

Considerado Amigo José Manuel Mendes:

Saúde e boa disposição para nos dar sempre os belos artigos com que brinda os leitores da nossa «Voz de Loulé», são os meus votos sinceros.

É é precisamente por isso, que lhe escrevo este bilhete para lhe dizer que, no esplêndido artigo «Carnaval Civilizado em Loulé», se é que aceita, tenho algo a dizer, filho que fui e que vivi nessa época.

— O Carnaval Civilizado, em Loulé, iniciado no distante ano de 1906, tinha eu 12 anos de vida, não foi cópia francesa, nem moldado a quaisquer modelos de figurinos estranhos. Foi, tão somente, obra de louletanos, cada um concebendo o que melhor pôde e soube. E foram os caixeiros de lojas de fazendas com os seus carros lin-

damente enfeitados a medir, a metros, peças de roupa; foram os bastos oleiros, em oficinas a trabalharem o barro; foram os sapateiros a trabalharem a sola; foram os ourives com as suas geniais e interessantes manufaturas; foram os ciclistas (então em grande forma) com as suas bicicletas graciosamente enfeitadas; foi um comboio com carruagens e locomotiva a deitar pela chaminé rolos de fumo; e musica, e disciplinado comportamento do Povo, e mais os carregadores, que então os havia com abundância na vila, a servirem a onda dos bastos caixeiros viajantes que convergiam de todos os lados de Loulé, em formatura no corso com os grossos volumes às costas.

Ora, nada disto foi implantado nem copiado. O Chico Jorge, oleiro, só esse, por si, alimentava a hilariedade geral. O que esse verdadeiro engenheiro do cérebro estudava e apresentava pelo Carnaval! E tudo o mais que poderá, o meu Amigo imaginar.

E foi assim que Loulé principiou: com obra caseira, com ideias próprias, com a vontade coletiva de dar um exemplo e matar o agressivo e incivilizado

Entrudo. A páginas 120 do meu livro «Quadros de Loulé Antigo», o Amigo verá o que digo dessa feliz ideia.

E pronto! Eis o que se me oferece dizer-lhe sobre o seu esplêndido artigo «Carnaval Civilizado».

Barreiro, 23/3/79

Com um abraço do velho

Pedro de Freitas

NOTA DO AUTOR — Imensamente grato pelo testemunho com que este velho novo Amigo, Pedro de Freitas, qui considerar o artigo que intitulei de «O Carnaval Civilizado em Loulé», não podia deixar de lhe dar público relevo, porquanto se trata de um relato de quem viveu de facto uma época, e tem portanto toda a autoridade para se pronunciar sobre ela. Devo esclarecer no entanto, que me apóiei fundamentalmente na história do Carnaval de Loulé, publicada em número especial pela «Voz de Loulé», há cerca de vinte anos, da autoria de Raul Pinto. Quer-me no entanto parecer que, sem menosprezo para o carácter estritamente local da imaginação que presidiu às manifestações, a ideia que esteve subjacente ao Carnaval Civilizado, a um Carnaval diferente que «matasse o agressivo e incivilizado Entrudo», essa, poderá efectivamente ter tido a sua origem na Europa. Daí o facto de um dos fundadores do Carnaval Civilizado ter lançado em Loulé a ideia, quando regressado de Anvers, o que não invalida, como disse, o carácter bairrista das manifestações. Trata-se de dois testemunhos que não são contraditórios, e que podem muito bem ter coexistido. Em todo o caso, o testemunho de Pedro de Freitas aqui fica, como achega importante e decisiva para quem, um dia, possa ter a ideia de tentar fazer a história tanto mais completa quanto possível, do Carnaval Civilizado de Loulé.

Luís Pereira

José Manuel Mendes

II CORTA-MATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA HOTELEIRA DO DISTRITO DE FARO

Do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Faro recebemos o regulamento atinente ao II Corta-Mato, organizado por este organismo de classe.

O certame comportará dois grupos (homens e senhoras), contendo os mesmo e cada um, três escalões etários, dos 16 a 20 anos, dos 20 a 30 anos e dos 31 anos em diante.

Os percursos para o «grupo homens», e em relação aos escalões acima referidos são respectivamente 3 500 a 4 000 metros, 3 500 a 4 000 metros e de 2 000 a 2 500 metros. Para o «grupo senhoras» são, seguindo o mesmo critério, de 2 000 a 2 500 metros, 1 500 a 2 000 metros e 1 000 metros.

O calendário das provas de apuramento é o seguinte:

— Em 7/4/79, Lagos (para a zona de Lavos e Sagres); Portimão (para a zona de Portimão, Armação de Pera, Silves e arredores);

— Em 14/4/79, Vilamoura (para a zona de Vilamoura, Vale do Lobo, Quarteira e Loulé); Balaia (para a zona da Balaia, Albufeira e Touring);

— Em 21/4/79, Faro (para a zona de Faro, Olhão e arredores); Monte Gordo (para a zona de Monte Gordo, Vila Real de St.º António, Pedras d'El-Rei e Tavira).

A final será disputada nas distâncias máximas indicadas, só existindo classificação individual.

Os prémios estabelecidos são os seguintes:

— Para as provas de classificação, Medalha para os vencedores de cada escalão;

Para a «finalíssima» (homens e senhoras) são atribuídas taças aos primeiros classificados de cada escalão e medalhas dos segundos a quintos classificados, também de cada escalão.

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

(Continuação da pág. 1)

a Educação em seu próprio proveito. Olhão explica-se pelo seu desenvolvimento piscatório, pelo aumento da população, pela sua posição geográfica em relação à capital e aos outros centros urbanos. Silves desdobra as suas reivindicações até à tradição histórica. Portimão considera-se pela sua importante situação no Barlavento Algarvio e sua expansão turística e comercial.

Se, um homem ousa levantar estas questões por amor à terra que lhe serviu de berço então eu não serei menos bairrista e peço de mãos postas que

não se esqueçam de Loulé, pelo seu desenvolvimento industrial e comercial, por ser um dos concelhos mais importantes do País, situado no centro do Algarve, com acesso para as zonas turísticas mais importantes. Contudo, não vejo o problema da Universidade na forma aflitiva como cada um reivindica, para a sua região, tão digna e justa obra cultural e educativa.

Uma Universidade deverá servir o homem, implantar-se onde melhor sirva os interesses das populações, e não ficar longamente a criar teças numa escritura ou num requerimento.